

**RECEPÇÃO, TRADIÇÃO E TRADUÇÃO  
ITÁLICAS DO *DE MULIERIBUS CLARIS*  
DE GIOVANNI BOCCACCIO<sup>1</sup>**

**Ricezione, tradizione e traduzione italice del  
*De mulieribus claris* di Giovanni Boccaccio**

**Italic Reception, Tradition, and Translation of  
Giovanni Boccaccio's *De mulieribus claris***

ADRIANA TULLIO BAGGIO\*

**RESUMO:** *De mulieribus claris* (DMC) é uma coletânea de biografias de mulheres escrita por Giovanni Boccaccio entre 1360 e 1370. A obra conheceu grande fortuna do século XIV ao XVI, sendo depois relativamente esquecida até seu resgate no século XIX a partir de uma edição da tradução trecentista em vulgar italiano realizada por Donato Albanzani. Entendendo a relevância desse percurso para a tradição da obra, este artigo traça um panorama de sua recepção no contexto itálico a partir de três aspectos: os estudos em torno das fases redacionais da composição, os momentos de maior produção e circulação de testemunhos, e as iniciativas de tradução ao italiano, com destaque para a de Albanzani na edição de Giacomo Manzoni. O trabalho discute também a possível obliteração da edição

---

1 Uma versão em inglês (e ligeiramente diferente) deste artigo foi publicada no volume 18-19 de *Heliotropia*, publicação oficial da American Boccaccio Association (BAGGIO, 2021-2022).

\*Pesquisadora independente; pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná  
atbaggio@gmail.com (ORCID: 0000-0002-5016-1289)



manzoniana, o que teria levado à reiteração de equívocos quanto à datação da tradução de Albanzani, e propõe uma reflexão sobre os percalços da transmissão do DMC à luz do conceito de transmissão ativa e caracterizante de Vittore Branca (1958).

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia; Tradução; Risorgimento; Questão da língua; Cultura e poder.

**ABSTRACT:** *De mulieribus claris* (DMC) è una raccolta di biografie di donne composta da Giovanni Boccaccio tra il 1360 e il 1370. L'opera conobbe grande fortuna dal XIV al XVI secolo, venendo poi relativamente dimenticata fino al suo riscatto nell'Ottocento attraverso un'edizione del volgarizzamento trecentesco eseguito da Donato Albanzani. Riconoscendo la rilevanza di questo percorso per la tradizione dell'opera, questo articolo traccia un panorama della sua ricezione nel contesto italico in base a tre aspetti: gli studi intorno alle fasi redazionali della composizione, i momenti di maggiore produzione e circolazione delle testimonianze, e le iniziative di traduzione verso l'italiano, con enfasi su quella di Albanzani nell'edizione di Giacomo Manzoni. L'articolo discute anche la possibile obliterazione dell'edizione manzoniana, che avrebbe portato alla reiterazione di un equivoco sulla datazione della traduzione di Albanzani, e propone una riflessione sulle vicende della trasmissione del DMC alla luce del concetto di trasmissione attiva e caratterizzante di Vittore Branca (1958).

**PAROLE CHIAVE:** Biografia; Traduzione; Risorgimento; La questione della lingua; Cultura e potere.

**ABSTRACT:** *De mulieribus claris* (DMC) is a compilation of women's biographies written by Giovanni Boccaccio between 1360 and 1370. The work enjoyed great fortune from the fourteenth to the sixteenth century and was then relatively forgotten until its revival in the nineteenth century thanks to an edition of the Donato Albanzani's translation into vernacular. Considering the relevance of this trajectory for the tradition of the work, this article traces a panorama of its reception in the Italic context based on three aspects: the studies on the redactional phases of the composition, the moments of greater production and circulation of testimonies, and the initiatives of translation into Italian, with emphasis on Albanzani's translation in Giacomo Manzoni's edition. The paper also discusses the possible obliteration of the Manzoni edition, which would have led to the reiteration of misunderstandings regarding the dating of Albanzani's translation

and proposes a reflection on the mishaps in the transmission of the DCM according to Vittore Branca's (1958) concept of active and characterizing transmission.

**KEYWORDS:** Biography; Translation; Risorgimento; The problem of the language; Culture and power.

## 1. Introdução

*De mulieribus claris* (daqui em diante, DMC), coletânea de biografias de mulheres escrita por Giovanni Boccaccio (1313-1375) por volta de 1360 a 1370, integra a produção erudita do autor, da qual também fazem parte títulos como *De casibus virorum illustrium* (c. 1356), *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludibus et de nominibus maris liber* (c. 1362), *Buccolicum carmen* (c. 1368) e *Genealogia deorum gentilium* (c. 1372). Escrito em latim, o DMC receberia, ainda no século XIV, ao menos duas traduções para o vulgar italiano (processo que chamamos aqui de *vulgarizamento*<sup>2</sup>): a de Donato Albanzani (c. 1326-1411...), da qual Boccaccio provavelmente teve conhecimento, e a de Antonio da Sant'Elpidio (...1358-1386...). Continuando a difusão que se iniciara já em fins de 1300, nos anos 1400 a obra se espalha para além-Alpes em traduções, plágios e continuações. Na península itálica a recepção quatrocentista teria sido mais discreta, só se revitalizando nos Quinhentos graças à tradução de Giuseppe Betussi (c. 1515-1575), compassivo de ver a obra boccacciana maltratada e dispersa<sup>3</sup> (BETUSSI, 1545). Depois disso, o entusiasmo pelo DMC se arrefece nos séculos XVII e XVIII, tanto na Europa quanto na península. Enquanto a produção literária boccacciana mantém o seu reconhecimento, a produção erudita se torna obsoleta diante de abordagens aportadas pelo racionalismo. Será preciso aguardar o século XIX para que, ao menos na Itália, se interessem novamente pela obra. O resgate fica a cargo de um jovem sacerdote neoguelfo de Montecassino, Luigi Tosti (1811-1897), que em 1836 publica o vulgarizamento de Albanzani (BOCCACCIO, 1836; 1841) a partir de um códice dos arquivos da abadia. Algumas décadas mais tarde, ver-se-á outra edição do vulgarizamento (BOCCACCI, 1881; 1882), esta realizada pelo conde republicano Giacomo Maria Manzoni (1816-1889) e declaradamente motivada pelo desejo de corrigir os problemas da versão de Tosti. Uma quarta tradução para o italiano só virá à luz em 1967, 600 anos após a pioneira de Albanzani. Elaborada por Vittorio Zaccaria (1916-2015), essa tradução (BOCCACCIO, 1970) terá por base e acompanhará o texto latino estabelecido pelo filólogo a partir do manuscrito autógrafo de Boccaccio, identificado em 1959 por Pier Giorgio Ricci (1912-1976).

A publicação de Zaccaria teve os méritos de difundir o texto do DMC segundo a (pretensa) vontade última do autor e de, com a tradução moderna, ampliar o acesso à obra. Por outro

---

2 Neologismo a partir do italiano *volgarizzamento*, que designa a tradução de obras escritas em latim para os idiomas neolatinos vulgares. O português “vulgarização” diz mais respeito ao ato de propagar, de popularizar, e por isso é preterido.

3 O trecho se encontra na segunda página da dedicatória, não numerada: “[...] et il suo [Libro delle Donne] ho ridotto in volgare nō ad altro fine, che p cōpassione dell’opra, ueggēdola qsi andata male et p tutto dispsa senza essere da nesūo raccolta, cōe, s’in se nō cōtenesse merito alcuno, [...]”.

lado, a sugestão de que um texto assim estabelecido tornaria menos importantes as demais manifestações da tradição<sup>4</sup> pode ter obliterado as edições “não originais” do DMC. Na prática, ao mesmo tempo em que sobrepujou as publicações anteriores, a de Zaccaria se tornou pouco acessível, pois não voltaria a ser reimpressa depois de sua segunda edição, em 1970. Volveu-se em raridade, como lamentou uma estudiosa italiana (FILOSA, 2012, p. 38), não se podendo encontrá-la nem mesmo em antiquários, dificultando assim o contato com o DMC “original” que essa publicação promovera<sup>5</sup>. O texto estabelecido por Zaccaria serviu de fonte para outras edições bilíngues, como a latim-inglês de Virginia Brown (1940-2009) (BOCCACCIO, 2001), a latim-espanhol de Violeta Díaz-Corrалеjo (Madrid: Cátedra, 2010) e a latim-francês de Jean-Yves Boriaud (Paris: Les Belles Lettres, 2013). No Brasil, alguns capítulos latinos da edição de Zaccaria foram reproduzidos e traduzidos na dissertação e na tese de Talita Janine Juliani (2011; 2016). Uma edição integral do DMC em português, elaborada pela autora deste artigo, tem publicação prevista para meados de 2024 pela Editora UFPR (Universidade Federal do Paraná)<sup>6</sup>.

Quanto às edições italianas anteriores à tradução de Zaccaria, destaca-se a de Giacomo Manzoni, a mais bem-cuidada em termos filológicos e editoriais. Essa edição é relevante não apenas pelo acesso que vem oferecendo ao DMC desde sua publicação em 1881-1882, mas também devido às especificidades de seu conteúdo textual e paratextual. O texto contribui para fortuna da obra ao apresentar uma informação então inédita sobre a datação da tradução de Albanzani; no entanto, essa informação foi e continua sendo ignorada por estudos que, mesmo debruçados sobre os vulgarizamentos, passam ao largo da edição manzoniana ou não a leem devidamente. A consequência disso é a reiteração de uma data para o trabalho de Albanzani que se sabe incorreta desde fins do XIX. Já no âmbito paratextual, as notas e comentários do

---

4 “Poiché l’autografo, fortunatamente conservatoci, rappresenta l’ultima fase di redazione, [...] il problema del testo del *De mulieribus claris* è alquanto semplice e si riduce al controllo dell’autografo con gli altri manoscritti, per correggere eventuali errori materiali di trascrizione” (ZACCARIA, 2001, p. 13). Ou seja, não haveria por que estudar os demais manuscritos, testemunhos de outras fases, a não ser como contraponto ao autógrafo. Essa lacuna tem sido sinalizada pela tradição, para quem os testemunhos das fases “não definitivas” “[...] meriterebbero un più stringente e persuasivo inquadramento stemmatico e storico-culturale [...]” (MALTA, 2013, p. 197).

5 Uma versão digitalizada da edição de Zaccaria foi disponibilizada, em janeiro de 2022, no site do Ente Nazionale Giovanni Boccaccio. O link para acesso à obra está informado na respectiva referência bibliográfica (BOCCACCIO, 1970). Desde 2007, o texto latino tratado pelo filólogo pode ser consultado na biblioteca digital mantida pela Università Sapienza di Roma, mas sem as notas explicativas e críticas (BOCCACCIO, 2007).

6 Essa tradução foi contemplada na edição de 2023 do programa de contribuição financeira a traduções do Ministério das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional da Itália (Maeci).

editor oferecem uma visão privilegiada sobre questões sociais, políticas e linguísticas da Itália pré e pós-Unificação.

O entendimento dessa relevância tem levado a autora deste artigo a investigar mais a fundo a edição de Manzoni e, conseqüentemente, o processo da recuperação mesma do DMC – em vulgar, não em latim – no contexto itálico oitocentista. Porém, tratar das especificidades dessa edição requer, primeiramente, que ela seja situada na tradição itálica da obra, do século XIV até a atualidade, e é isso que se faz neste trabalho. Ele se estrutura em três partes principais: a primeira sobre a recepção, na qual se sinaliza os momentos em que o DMC mais despertou a atenção de estudiosos, particularmente no que tange ao estabelecimento de suas fases redacionais, tema que ainda hoje recebe proposições da crítica; a segunda sobre a tradição, que apresenta uma sistematização dos registros sobre os testemunhos do DMC com base em elencos bibliográficos que descreveram as edições da obra até o século XIX; e a terceira sobre a tradução, voltada ao exame das três versões italianas conhecidas (anteriores ao século XX), com especial destaque à de Donato Albanzani em sua recuperação oitocentista por Manzoni.

## **2. A recepção de *De mulieribus claris* a partir dos estudos sobre as fases redacionais**

Depois que o historiador Attilio Hortis (1850-1926) aventou, em 1879, que o *De mulieribus claris* tivera mais de uma versão, muitos outros estudiosos passaram a se dedicar à pesquisa sobre as fases redacionais da obra, a exemplo de Guido Traversari<sup>7</sup>. Traversari (1907a) aportou uma contribuição importante ao tema e, derivada do seu e de outros estudos, elaborou uma bibliografia cronológica da fortuna crítica de Boccaccio (TRAVERSARI, 1907b) até o início do século XX. O elenco de Traversari registra e descreve 1.124 publicações, a primeira delas de 1467 e a última de 1906, e nos ajuda a apreender os principais momentos da recepção itálica ao DMC.

Nessa bibliografia, a primeira menção explícita ao compêndio é o registro do vulgarizamento de 1545 feito por Giuseppe Betussi<sup>8</sup> (BOCCACCIO, 1545); a segunda é de três séculos depois e se refere à edição de Luigi Tosti, de 1836, para o vulgarizamento de Donato Albanzani (BOCCACCIO, 1836; 1841), com nota para a reimpressão de 1841. Títulos como esses, que tratam exclusivamente do DMC, voltarão a aparecer na segunda metade dos Oitocentos, marcadamente após 1875, efeméride de 500 anos da morte de Boccaccio. São eles: um estudo

---

7 Buscou-se informar data de nascimento e óbito dos autores da tradição boccacciana já falecidos, mas não foram encontrados dados sobre Traversari.

8 Assinale-se que o compilador não incluiu a tradução de Betussi na entrada do índice onomástico dedicada ao *De mulieribus claris* (que, na bibliografia, aparece como “De claris mulieribus”).

de Hortis (1877); o vulgarizamento de Albanzani por Giacomo Manzoni (BOCCACCI, 1881; 1882), editado primeiramente em 1875; dois artigos alemães sobre manuscritos do DMC (de 1892 e 1895); os estudos de Laura Torretta (1876-1965) (1902a; 1902b); e o já citado trabalho do próprio Traversari (1907a), sinalizado como de 1906. Obras que tratam do compêndio de modo não exclusivo vêm em 1873, 1875, 1876, 1877 (2), 1879 (2), 1888, 1891 (2), 1892 (2), 1895, 1898, 1899, 1900, 1902, 1903 e 1905 (TRAVERSARI, 1907b, p. 242-243). No total, o elenco registra 24 obras sobre o DMC, quatro dedicadas às fases redacionais.

Voltando ao pioneiro estudo de Hortis de 1879, vemos que a hipótese a respeito das fases redacionais do DMC ocorreu durante pesquisa sobre outros temas que o historiador desenvolvia em bibliotecas italianas e europeias. Dando “por acaso” com códices boccaccianos, identificou neles ao menos dois testemunhos em configuração distinta daquela presente nas impressões latinas do século XVI, o testemunho mais conhecido à época (HORTIS, 1879, p. 912, 915). A configuração presente nessas impressões consiste em 106 biografias distribuídas em 104 capítulos, sendo o último dedicado à rainha Joana I (1326-1382). As biografias são sucedidas por uma conclusão e precedidas pela dedicatória a Andrea Acciaiuoli (1320-1373) – irmã de Niccolò Acciaiuoli (1310-1365), grão-senescal do reino de Nápoles e amigo de infância de Boccaccio – e por um próêmio aos leitores. Os dois códices de configuração distinta não continham o capítulo da rainha Joana e nem a conclusão, e dispunham as biografias em outra ordem; além disso, em um deles (Pluteo LII 29) algumas biografias eram mais extensas. Para Hortis, isso indicava o tanto de cuidado dedicado por Boccaccio à composição de seus livros, “[...] rifacendone talora interamente i singoli capitoli. Che questi del codice laurenziano [o Pluteo LII 29] presentino la prima versione, non sarà dubbio a chi vorrà confrontarli co’ già stampati [...]” (HORTIS, 1879, p. 111, grifos nossos).

Pesquisas posteriores cancelaram e precisaram esses achados de Hortis. Oskar Hecker (1902<sup>9</sup>, citado por TORRETTA, 1902a, p. 259 e por TRAVERSARI, 1907a, p. 226) confirmou a existência de ao menos duas redações do DMC e a presença da dedicatória a Andrea Acciaiuoli já na primeira redação. Hortis (1879, p. 89, n. 2) notara que a dedicatória a Andrea, designando-a condessa de Altavilla, indicava a escrita como posterior a 1357, pois em carta deste ano o irmão ainda a chamava pelo título do primeiro marido, conde de Montedorisio<sup>10</sup>. Além disso, o fato de Boccaccio descrevê-la como “jovem, bela e bem formada” sugeria uma composição não muito

---

9 HECKER, Oskar. *Boccaccio-funde*: stücke aus der bislang verschollenen bibliothek des dichters darunter von seiner hand geschriebenes fremdes und eigenes. Braunschweig: G. Westermann, 1902.

10 Há estudos que recuam para 1353 o casamento de Andrea com Bartolomeo di Capua, o conde de Altavilla, o que deslocaria em alguns anos o *termine post quem* da primeira redação (ARGURIO; ROVERE, 2017, p. 18).

além do 1357, pois, segundo as concepções da época<sup>11</sup>, aos 37 anos Andrea já seria considerada madura. Ainda a respeito de datas, Hortis acolhe a hipótese de Marcus Landau (1877, p. 213<sup>12</sup> citado por HORTIS, 1879, p. 89, n. 2) de que a primeira redação não poderia ser posterior a 1362. Como Boccaccio alude aos “ásperos costumes” dos maridos da rainha na biografia de Joana, essa alusão não aconteceria antes de 26 de maio de 1362, quando Luigi di Taranto (1320-1362), segundo marido da monarca, ainda vivia, e nem depois do terceiro matrimônio, contraído em dezembro de 1362, com Jaime de Maiorca (1136-1375), de quem o Certaldês tinha boa opinião. A redação do DMC com a biografia de Joana deveria ter sido composta, então, nos sete meses de 1362 em que rainha estivera viúva. De resto, o período coincide àquele de um convite de Niccolò Acciaiuoli a Boccaccio para a corte napolitana. Esses dois marcos temporais – “depois de 1357” e “verão/outono de 1362” – serão considerados como datas, respectivamente, da primeira e da segunda fase da composição, pois a dedicatória a Andrea aparece em ambas, enquanto a biografia de Joana aparece apenas na segunda. Dessa atribuição se tem notícia a partir de Torretta (1902a, p. 259-260), que também cita a interpretação de Landau a respeito da passagem sobre os “ásperos costumes dos maridos”.

O percurso entre a suposição de Hortis e a sua comprovação por Hecker, bem como as hipóteses sobre a datação das duas fases, são sintetizados e consolidados por Traversari (1907a). Um exame de códices da primeira e da segunda redação do DMC lhe permite aprofundar as descobertas sobre o diferente ordenamento das biografias em cada fase, e os achados o levam a propor um estreitamento do período em que a segunda redação poderia ter sido concluída: não entre maio e dezembro, e sim entre maio e outubro de 1362. Traversari reitera que Boccaccio já teria dado publicação à primeira redação da obra antes desse período, dedicando-a à irmã de Niccolò Acciaiuoli. Diante do convite para a corte napolitana, feito por Niccolò a Boccaccio em meados de 1362, o Certaldês teria elaborado os acréscimos e as correções que caracterizam a segunda redação, incluindo a biografia da rainha recém-viúva, de quem esperava obter as graças. O escritor contava alcançar essa benevolência ao incluir na biografia uma afirmação sobre a inocência da rainha diante das acusações de assassinato do primeiro marido, André de Hungria (1327-1345)<sup>13</sup>, e a defesa ganharia legitimidade por se integrar em um volume pretendido como histórico, “objetivo” (TRAVERSARI, 1907a, p. 234-235)<sup>14</sup>. Traversari sugere ainda uma

---

11 Para Boccaccio, a velhice chegava na altura dos 45 anos (RICCI, 1965, p. x).

12 LANDAU, Marcus. *Boccaccio, sein Leben und seine Werke*. Stuttgart: Verlag der J. G. Cotta'schen Buchhandlung, 1877.

13 Apesar de provavelmente não ter sido a mandante, a rainha fora próxima dos cúmplices do crime (KIESEWETTER, 2001).

14 Sobre as estratégias retórico-discursivas adotadas por Boccaccio no DMC, ver “A cultura corteja o poder: manobras discursivas de Giovanni Boccaccio na proposição da inocência de Joana d’Anjou” (BAGGIO, 2022).

delimitação para o provável período de aparecimento da primeira redação. Acatando a hipótese de Hortis de 1357 como *termine post quem*, propõe 1359 como *termine ante quem*, quando Boccaccio teria passado a se ocupar integralmente das lições de grego com Leôncio Pilatos e da leitura e tradução de Homero (TRAVERSARI, 1907a, p. 235). O estudioso também especula uma referência histórico-temporal para o *incipit* da dedicatória, na qual Boccaccio diz ter escrito a obra quando estava distante do vulgo e livre de outros pensamentos<sup>15</sup>. Para Traversari (1907a, p. 236), esse momento não poderia ser anterior a 1355 e nem posterior a 1359.

## 2.1 O reconhecimento do manuscrito autógrafo e as novas proposições de datação e de fases redacionais

Os trabalhos de Torretta e de Traversari na alvorada do século XX manifestam e consolidam o esforço de datação do DMC verificado na profícua temporada de estudos boccaccianos do último quartil do século XIX. Esse interesse pela tradição manuscrita do Certaldês parece ir-se incrementando no decorrer dos Novecentos, como testemunha o volume *Tradizione delle opere di Giovanni Boccaccio*, fruto de ao menos 20 anos de contato de Vittore Branca (1913-2004) com mais de 1.500 exemplares da fortuna do autor. Nessa bibliografia, Branca (1958, p. xxxix, n. 1) acena à preparação da coleção de obras completas de Boccaccio, dirigida por ele, da qual o *De mulieribus claris* latim-italiano de Zaccaria (BOCCACCIO, 1970) será o décimo volume. Branca organiza a *Tradizione* segundo o idioma (vulgar e latim) das obras, em seguida pelos títulos em ordem alfabética (exceto pelo *Decamerão*, que vem antes de todos) e, depois, pelas cidades das bibliotecas e coleções que abrigam os testemunhos. A Biblioteca Laurenziana de Firenze aparece como guardiã do Pluteo XC sup., 98<sup>1</sup> (BRANCA, 1958, p. 93), já listado por Hortis (1879, p. 912) e consultado por Manzoni (1882, p. xxviii) para sua edição do vulgarizamento de Albanzani. Trata-se do manuscrito autógrafo que será identificado por Ricci durante o preparo da sua edição de obras de Boccaccio, publicada em 1965, edição na qual (e para a qual) ele reconhece a inestimável contribuição do elenco de Branca (RICCI, 1965, p. 1259, n. 1; 1275).

O livro de Ricci integra a refinada coleção *La letteratura italiana: storia e testi*, publicada pelo editor Riccardo Ricciardi a partir de 1951. Ricci é encarregado do nono volume, o segundo com obras de Boccaccio<sup>16</sup>. Essa edição apresenta, em forma integral ou parcial, exemplares da obra em versos, o *Corbaccio*, o *Trattatello in laude di Dante*, epístolas e a prosa latina, da qual faz parte o DMC. Deste, Ricci seleciona a dedicatória, o proêmio, a conclusão e mais 19 biografias,

---

15 “Poco tempo addietro, Signora illustre, ho scritto un’operetta, a singular lode del sesso femminile e a conforto degli amici, più, certo, che a gran vantaggio dello stato. L’ho scritta appartato per un po’ di tempo dal volgo ignorante e quasi libero da ogni altra occupazione” (BOCCACCIO, 1970, p. 19).

16 O primeiro foi publicado no oitavo volume, em 1952, aos cuidados de Enrico Bianchi, Carlo Salinari e Natalino Sapegno, contendo *Decamerão*, *Filocolo*, *Ameto* e *Fiammetta*.

incluindo a de Joana. Esse conteúdo é publicado em latim, a partir do manuscrito autógrafo e de outras manifestações da tradição, e em italiano. A fonte da versão italiana é o vulgarizamento de Albanzani na edição de Manzoni, mas corrigida e modificada ao gosto do editor (RICCI, 1965, p. 1259; 1261). Nas notas críticas dessa edição parcial do DMC, Ricci (1965, p. 1275-1276) menciona a descoberta do manuscrito autógrafo e entende que tal achado rompia de vez com os “penosos erros” das antigas edições e com as “loucas conjecturas” a respeito da datação e da redação definitiva da obra. Além da oportunidade de ler a obra na exposição da vontade última do autor, ter à disposição um texto seguro desencalharia (“disincagliare”) os estudos sobre o DMC do “prolongado abandono”; na opinião de Ricci, tudo o que se escrevera até aquele momento do século XX resumir-se-ia a poucas contribuições, citando, dentre elas, os trabalhos de Torretta (1902a; 1902b) e de Traversari (1907a). Ricci acena ainda a estudos, seus<sup>17</sup> e de Zaccaria (1963), que datam a composição do manuscrito autógrafo dos anos finais (c. 1370) da vida de Boccaccio. Os autores situam ainda a primeira fase redacional, com 74 biografias, em 1361, e a segunda, com as 106 biografias, no verão de 1362. Ricci (1965, p. 1276-1277) divide as fases em sete estágios de escrita, que Zaccaria ampliará para nove: cinco na primeira fase (I a V) e quatro na segunda (VI a IX). O autógrafo, provavelmente um exemplar a ser presenteado, manifestaria os dois últimos estágios: o oitavo no texto e o nono nas correções (ZACCARIA, 2001, p. 12-13). Em um trabalho posterior, Zaccaria (1977-78) identificará o vulgarizamento de Albanzani como testemunho do estágio redacional VI, ou seja, o primeiro da segunda fase, já na estrutura definitiva, mas sem algumas palavras que Boccaccio acrescentará nos estágios posteriores.

É intrigante que Ricci (1965, p. 1276) e Zaccaria tenham situado a primeira redação do DMC em 1361<sup>18</sup>, e não por volta de 1357, como vinha sendo estabelecido pela tradição. A hipótese dos filólogos se deve àquela referência de Boccaccio, na dedicatória, a um período de solidão afastado do vulgo; como nosso autor efetivamente estivera em Certaldo em 1361, a menção no texto fora relacionada ao dado factual. Outros estudiosos, porém, divergem. Giuliano Tanturli e Stefano Zamponi (2013, p. 63) retêm como tênue e incerto o argumento para essa hipótese, e Silvia Argurio e Valentina Rovere (2017, p. 18) avaliam a referência mais como retórica do que histórica. Para o fim histórico, valeria a informação, segura e interna ao texto, sobre o casamento de Andrea Acciaiuoli. E, na medida em que a dedicatória aparece já nos códices da primeira fase, só um testemunho dessa fase e que não tivesse a dedicatória poderia invalidar a hipótese de 1357. Em síntese, podemos ver que se mantêm até hoje alguns limites de datação propostos entre fins do século XIX e início do XX. Dado novo, oferecido pelo reconhecimento

---

17 RICCI, Pier Giorgio. *Studi sulle opere latine e volgari del Boccaccio: un autografo del “De mulieribus claris”*. Firenze: Sansoni, 1959.

18 E, na esteira deles, outros como Caterina Malta (2013, p. 197) e Elsa Filosa (2012, p. 25).

do manuscrito autógrafo e por sua análise filológica, é o contínuo debruçar-se de Boccaccio sobre esse texto durante a década de 1360.

Se a dedicatória da primeira redação indica Niccolò Acciaiuoli como aquele de quem nosso autor poderia esperar favorecimento, a inclusão de Joana na segunda redação e os retoques nos estágios finais dessa redação sugerem um reconhecimento de Boccaccio quanto ao potencial da rainha em atender às suas aspirações. Como Acciaiuoli morrera em 1365, não era nele que nosso escritor mirava ao preparar a versão em *bella copia* no início dos anos 1370. Por outro lado, o momento coincide com o período mais afortunado do governo de Joana, entre 1366 e 1378 (KIESEWETTER, 2001), quando teria conseguido reinar com relativa autonomia, sem as pressões maritais enfrentadas até então (CERENTINI, 2021). Seja como for, a esperança de Boccaccio de ocupar um lugar naquela “[...] tanto amata corte angioina che fino agli ultimi anni di vita fu al centro delle sue speranze e delle sue delusioni” (ARGURIO; ROVERE, 2017, p. 25) acabou não se realizando. O Certaldês morre em 1375 e, alguns anos depois, quando também Joana já não vive, Donato Albanzani dá a público o seu vulgarizamento, mas em versão diferente daquela que se especula que Boccaccio conheceria. Dentre outras modificações<sup>19</sup>, Albanzani acrescenta uma continuação bem menos prestigiosa à biografia da rainha e recrimina Boccaccio pelos infundados elogios dirigidos à monarca. Antes, porém, de aprofundar essas questões, observemos as ondas de circulação do DMC desde sua composição no século XIV até seu resgate, no século XIX, nas edições do vulgarizamento de Albanzani por Tosti e Manzoni.

### 3. A tradição manuscrita e impressa

Na introdução deste artigo, falou-se que a recepção do *De mulieribus claris* foi intensa entre os séculos XIV e XVI, arrefecendo nos séculos XVII e XVIII até sua revitalização no século XIX. Um dos modos de perceber esse movimento é mediante a análise de bibliografias cujas listas e descrições de códices, incunábulo e impressos dão-nos um vislumbre da modulação diacrônica da tradição do DMC.

Começamos pelo catálogo de impressões de obras em vulgar dos séculos XIII e XIV organizado por Francesco Zambrini, um grande sucesso oitocentista (edições em 1857, 1861, 1866, 1878 e 1884). No prefácio ao volume inaugural, o autor não esconde sua filiação às correntes puristas da língua; para ele, as numerosas impressões contemporâneas (a ele) de textos tardo-medievais demonstravam o interesse pelo toscano trecentista e legitimavam seu resgate como língua nacional (ZAMBRINI, 1857, p. vii-xv). As três primeiras edições do elenco de Zambrini citam as duas

---

19 A exclusão da dedicatória à condessa de Altavilla, de uma das biografias (a de Júlia Soêmia, mãe do imperador Heliogábalos), do prólogo e da conclusão de Boccaccio.

edições de Tosti para o vulgarizamento de Albanzani e, na quarta, de 1878, aparece também o registro de uma primeira versão da edição de Manzoni, datada de 1875. A versão de Manzoni de 1881-1882 é listada no apêndice do catálogo de 1884, e nessa entrada aparecem outros dados da edição de 1875. São dados preciosos, pois descrevem uma publicação aparentemente irrecuperável<sup>20</sup>. Sabe-se que o volume tinha 176 páginas (contra 400 da edição posterior) e que fora lançado em poucos exemplares por ocasião do quinto centenário da morte de Boccaccio, sendo dedicado ao prefeito e à magistratura de Certaldo (ZAMBRINI, 1884, coluna 17). As celebrações de 1875 ensejam também o lançamento de uma bibliografia exclusiva de Boccaccio, por Alberto Bacchi della Lega, contemplando as impressões latinas e vulgares, as traduções e as transformações. Do DMC são citados 5 títulos em latim, 4 em alemão, 3 em francês, 2 em espanhol, um em inglês e 10 em italiano – incluindo as duas edições de Tosti e a de Manzoni de 1875 (BACCHI DELLA LEGA, 1875, p. 21-26).

Hortis incluiu bibliografias em seu estudo sobre a obra latina de Boccaccio (HORTIS, 1879, p. 756-763, 797-819, 895-898, 912-915, 928-930, 930-932). Os elencos contemplam títulos consultados diretamente (acervo de bibliotecas, incluindo a própria) e indiretamente (bibliografias de outros autores). O levantamento resulta em 36 códices, em latim e em outras línguas (que não o italiano), e 14 códices em vulgar, sendo 11 de Antonio da Sant’Elpidio e 3 de Albanzani. Quanto às impressões e incunábulos, são 16 em latim e em outras línguas (francês, alemão, espanhol, inglês) e 7 em italiano. De outros bibliógrafos o historiador anota 2 edições francesas, 4 italianas, uma espanhola e 5 alemãs. Sobre as edições do vulgarizamento de Albanzani no século XIX, Hortis cita as de Tosti de 1836 e de 1841 na parte de consulta direta, e a de 1875 de Manzoni na parte de consulta indireta (HORTIS, 1879, p. 896), referenciando os catálogos de Zambrini, de Bacchi della Lega e de Enrico Narducci. Há também uma menção à edição de Manzoni que seria publicada em 1881-1882, e que, àquele momento, estava “già sotto i torchi” (HORTIS, 1879, p. 104-105, n. 4).

Em início dos Novecentos, Laura Torretta (1902b, p. 50-65) menciona e analisa os plagiadores, os imitadores e os continuadores do DMC, especialmente concentrados nos séculos XV e XVI, e Guido Traversari (1907b) publica a bibliografia de escritos boccaccianos que vimos anteriormente. O incunábulo<sup>21</sup> de Betussi (BOCCACCIO, 1545) e as impressões de Tosti (BOCCACCIO, 1836;

---

20 Hortis (1879, p. 896) cita informação de 1876 do filólogo e bibliotecário Enrico Narducci de que haveria um exemplar dessa edição na Biblioteca Vittorio Emanuele de Roma (atualmente Biblioteca Nazionale Centrale di Roma). Hoje, porém, a obra não aparece em consulta ao Catalogo del Servizio Bibliotecario Nazionale italiano (<https://opac.sbn.it>).

21 Segundo caracterização proposta pela Fundação Biblioteca Nacional (MICHELAN, 2022), a tradução de Betussi seria livro, e não incunábulo. Adota-se neste artigo a denominação informada pelos autores citados.

1841) e de Manzoni (BOCCACCI, 1881; 1882) são incluídos por Traversari porque contêm, além do texto da obra, estudos sobre ela ou sobre o autor.

É da segunda metade do século XX o primeiro volume<sup>22</sup> do elenco de códices organizado por Vittore Branca (1958). A respeito do DMC, Branca elenca e informa a localização de 84 documentos<sup>23</sup> em latim distribuídos por 48 bibliotecas de 42 cidades, a maioria na Europa, mas também nos Estados Unidos e Nova Zelândia (BRANCA, 1958, p. 92-98). Como vimos, está nessa lista o Pluteo XC sup., 98<sup>1</sup>, que logo depois (em 1959) será reconhecido como manuscrito autógrafa da última redação do DMC. Mais recentemente, a tradição boccacciana foi contemplada no catálogo da exposição *Boccaccio autore e copista* (DE ROBERTIS; MONTI; PETOLETTI; TANTURLI; ZAMPONI, 2013, p. 433-436) – que, no entanto, não organiza os testemunhos por obra – e em estudos que dão atenção aos vulgarizamentos: a importante bibliografia dos vulgarizamentos que Hortis (1879) apresentara nos Oitocentos ganha uma atualização com os trabalhos de Cristina Dusio sobre Antonio da Sant’Elpidio e de Alessia Tommasi sobre Donato Albanzani. Dusio (2017, p. 30-31) informa que o vulgarizamento de Sant’Elpidio é testemunhado por ao menos 12 códices (um a mais do que na lista de Hortis). O estudo de Tommasi (2020) lista 11 códices de Albanzani (8 a mais do que na lista de Hortis).

Concluída essa breve genealogia de bibliografias, que ciência ela nos oferece a respeito da tradição do DMC? Primeiramente, a informação sobre as épocas em que as bibliografias e os estudos foram publicados salienta as ondas de atenção à obra do nosso escritor. As bibliografias mais gerais de Zambrini são do início da segunda metade do século XIX, mas elencos específicos sobre Boccaccio surgem a partir de 1875, marca dos 500 anos de sua morte (BACCHI DELLA LEGA, 1875; HORTIS, 1879; TRAVERSARI, 1907b). A bibliografia de Branca (1958), em meados do século XX, sai quando se preparavam e publicavam edições críticas de obras do autor (a do próprio Branca e a de Ricci). Os estudos mais contemporâneos sobre os vulgarizamentos (DUSIO, 2017; TOMASI, 2020) se situam no que pode ser visto como a esteira de outra efeméride, os 700 anos do nascimento de Boccaccio, celebrada com a já citada exposição e seu denso catálogo (DE ROBERTIS; MONTI; PETOLETTI; TANTURLI; ZAMPONI, 2013).

Um segundo contorno da tradição se forma ao observarmos os testemunhos do DMC citados nos elencos mediante sua distribuição cronológica e quantitativa (quadro 1). Apreendemos com mais nitidez aquilo que os estudos comentam: que a obra conheceu grande difusão nos séculos XIV e XVI, sendo depois relativamente esquecida até seu resgate (ao menos no contexto itálico) no século XIX. Vemos que as obras impressas se concentram mais nos séculos XV e

---

22 O segundo é de 1991 e a ele não se teve acesso até o momento da publicação desta etapa da pesquisa. BRANCA, Vittore. *Tradizione delle opere di Giovanni Boccaccio*. Un secondo elenco di manoscritti e studi sul testo del Decameron. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 1991.

23 E mais 11 irrecuperáveis.

XVI, acompanhando a virada tecnológica advinda com a invenção da imprensa. Os códices, por sua vez, são especialmente dos séculos XIV e XV. Em Hortis, a maior parte dos códices latinos está sem a informação de data. Muitos ou talvez todos os códices citados em Hortis integram também o trabalho de Branca, no qual, ainda que com dúvidas entre um ou outro século, sempre há informação de data. Isso pode indicar um aprimoramento, em meados do século XX, dos métodos de datação desses documentos. Lembremo-nos de que é no mesmo contexto que Ricci reconhece o manuscrito autógrafo.

Outro ponto que chama a atenção é a diferença entre a quantidade de códices de Sant’Elpidio e de Albanzani listados por Hortis: respectivamente, 11 e 3. Se confrontamos os códices de Albanzani listados por Hortis àqueles adotados por Tosti (1841) e Manzoni (1882) para suas edições, vemos que são documentos distintos. O códice *cassinese* adotado por Tosti não está listado em Hortis; e, dos três códices usados por Manzoni, dois turineses e um florentino, apenas o florentino está na lista do historiador. Descontando essa única sobreposição, a soma dos códices de Albanzani conhecidos durante o século XIX dobra para 6. Se pudermos crer nos resultados desse levantamento, a atualização quantitativa não muda o fato de que, na época em que as edições de Tosti e de Manzoni foram publicadas, havia bem menos códices de Albanzani do que de Sant’Elpidio. Se os testemunhos de Sant’Elpidio era mais numerosos, por que então não usar um códice dele para as edições?

Quadro 1 – Quantidade de edições do *De mulieribus claris* em cada século, por tipo de suporte e idioma

Bibliografia	Tipo de suporte	Idioma		Época						
				?	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX
<b>Bacchi della Lega (1875)</b>	impressões e incunábulos	latim		1	-	2	2	-	-	-
		italiano		1	-	-	6	-	-	3
		alemão		1	-	3	-	-	-	-
		espanhol		-	-	1	1	-	-	-
		francês		-	-	1	2	-	-	-
		inglês		-	-	-	-	-	1	-
<b>Hortis (1879)</b>	impressões e incunábulos	latim		-	-	3	2	-	-	-
		italiano		-	-	-	5 (3)	-	-	2 (1)
		alemão		-	-	4 (1)	2 (4)	-	-	-
		espanhol		-	-	(1)	1	-	-	-
		francês		-	-	1	2 (2)	-	-	-
		inglês		-	-	-	-	-	1	-
	códices	latim		18	3	5	-	-	-	-
		francês		4	-	5	-	-	-	-
		inglês		1	-	-	-	-	-	-
		italiano	Albanzani	2	1	-	-	-	-	-
Sant'Elpidio	3		1	5	-	-	-	-		
				2	-	-	-	-		
<b>Branca (1958)</b>	códices	latim		-	14	64	3	1	-	-
						1 XIV-XV				
						1 XV-XVI				
<b>Dusio (2017)</b>	códices	italiano	Sant'Elpidio	3	1	7	-	-	-	-
						2 XIV-XV				
<b>Tommasi (2020)</b>	códices	italiano	Albanzani	-	-	7	-	1	-	
						3 XIV-XV				

Fonte: elaborado pela autora (2022). A distribuição das edições registradas nas bibliografias e estudos é feita por data (quando informada) e pelo idioma da impressão ou do códice. As edições coletadas em Hortis (1879) colocadas entre parêntesis se referem às entradas que o historiador cita a partir de outras bibliografias. As bibliografias estão indicadas pela referência a seus autores e dispostas em ordem cronológica de publicação.

Algo a se considerar é que tanto Tosti (1841) quanto Manzoni (1882) publicaram textos de códices disponíveis nas bibliotecas em que atuavam: o primeiro no arquivo da abadia de Montecassino, o segundo na Biblioteca dell'Università e na Biblioteca Reale de Turim. Nenhum dos códices de Sant'Elpidio listados por Hortis era dessas bibliotecas. É possível que tenha sido não o interesse pela obra a levar Tosti e Manzoni aos códices, e sim a conveniência de acesso aos códices a levá-los à obra. Manzoni oferece ainda um motivo adicional para sua empreitada, que é o desejo de corrigir o trabalho de Tosti. Nenhum deles informa um interesse inicial pelo compêndio de biografias que os tivesse então conduzido à busca de testemunhos.

Digamos, porém, que o vulgarizamento de Sant'Elpidio tivesse sido acessível aos editores; ainda assim, poderia não ser adequado. O texto dos códices já era uma tradução da tradução, pois fora vertido do *marchigiano* de Sant'Elpidio ao florentino por Niccolò Sassetti<sup>24</sup>. Não bastasse isso, no início do século XVI a tradução fora apropriada em Veneza e publicada como de autoria de Vincenzo Bagli. Em um contexto como o do *Risorgimento*, às voltas com o resgate da pureza do *trecento* e da legitimidade do espírito italiano manifestado nas origens toscanas da língua, não faria sentido reeditar uma obra já “contaminada” pelo italiano quinhentista e por dois traslados idiomáticos e já publicada em livro; a tradução de Betussi, igualmente quinhentista e publicada em livro, também não foi reeditada depois do século XVI. O vulgarizamento de Albanzani, por outro lado, permanecia inédito em livro e era um testemunho do italiano toscano do século XIV, vertido diretamente do texto de Boccaccio e por alguém próximo a ele.

É importante assinalar que a retomada do DMC no século XIX ocorre por meio de um vulgarizamento, e não de sua versão original latina; na verdade, a última impressão latina de que se tem notícia antes da edição de Zaccaria de 1967 é a alemã de Berna, datada de quase 400 anos antes (1539). Isso sugere que o interesse de Tosti, e depois o de Manzoni, não fora propriamente, ou apenas, o conteúdo de Boccaccio; para isso, serviria melhor uma reedição latina, ou mesmo uma nova tradução italiana. O que efetivamente deve ter interessado aos editores, às instituições às quais se filiavam, e ao seu público foi o testemunho de um conteúdo de Boccaccio lapidado pelo rigor ítalo-linguístico (e talvez moral) trecentista de Albanzani. Debrucemo-nos então sobre a tradição itálica dos vulgarizamentos do DMC.

---

24 Não encontramos fontes para as datas de nascimento e óbito do mercante tradutor. Francesco Guidi Bruscoli (2017) supõe que a escassez de notícias sobre a família Sassetti se deva à sua duradoura filiação guibelina.

#### 4. As traduções italianas

O *De mulieribus claris* foi trasladado para o vulgar italiano ainda no século XIV, provavelmente com Boccaccio em vida. É possível que o primeiro desses vulgarizamentos seja o de Donato Albanzani, amigo de Boccaccio e de Francesco Petrarca (1304-1374). Aqui neste artigo, sua descrição ficará para o fim da série, que se inicia com o vulgarizamento de Antonio da Sant’Elpidio.

Um dos códices listados por Hortis como sendo da versão do frade agostiniano para o DMC é de 1370. Cristina Dusio (2017, p. 32) identifica-o como tradução de uma manifestação do estágio redacional VI ou VII (e informa data de 1371). Essa tradução, como vimos, foi logo vertida para o florentino por Niccolò Sasseti, como mostra a inscrição em outro códice (HORTIS, 1879, p. 931). Há notícias de Sant’Elpidio entre 1358 e 1386. Oriundo das Marche, teria ocupado funções em *scriptoria* e circulado por Rimini, Roma, pelo reino de Nápoles e pela Hungria (GIACOMINI, 1961). Sasseti, por sua vez, atuava no empreendimento mercantil da família, conhecida por aliar atividade artístico-literária à comercial (BRUSCOLI, 2017), e teria passado por Montpellier, Barcelona e Lisboa.

O vulgarizamento de Sant’Elpidio na versão de Sasseti foi impresso em 1506, em Veneza, e atribuído a Vincenzo Bagli, um tradutor “criado” pelo editor e tipógrafo Zuan da Trino (ou Tacuino) (DUSIO, 2017, p. 31). Quem confirma a real autoria do texto é Hortis (1879, p. 603-604), ainda que já se suspeitasse dessa apropriação. Em seu estudo, Hortis reproduz duas biografias da impressão e as compara aos códices de Sant’Elpidio/Sasseti; a partir disso, comprova as suspeitas anteriores e nota que Bagli não se ativera fielmente ao texto (HORTIS, 1879, p. 94-95, n. 1). Da estrutura do texto boccacciano a edição de Bagli mantém os 104 capítulos de biografias e o próêmio do autor, mas não a conclusão. A dedicatória a Andrea Acciaiuoli aparece, mas sem a menção a esta; o texto é modificado com um acréscimo inicial de Bagli dedicado a Lucrezia, filha de Rodolfo Baglioni.

O impresso atribuído a Bagli inaugura o período áureo do DMC em italiano que se verifica na Veneza do século XVI, e que será proffcuo graças às edições de Giuseppe Betussi<sup>25</sup>. Nascido em Bassano del Grappa por volta de 1512, Betussi conquistou uma satisfatória preparação cultural latina e vernacular graças à cômoda situação financeira da família. Mudou-se para Veneza em 1542, onde iniciou a vida literária. É provável que em 1544 tenha trabalhado como revisor e consultor editorial na tipografia de Gabriele Giolito de’ Ferrari, orientada à publicação de obras em italiano. Logo em seguida passou à proteção do conde Collatino di Collalto, de quem foi secretário entre 1545 e 1549, quando deu avio à atividade de tradutor. São dessa época, além da tradução do DMC (lançada em 1545 pela tipografia de Comin da Trino di Monferrato), também

---

25 Para informações sobre Betussi e sua obra, ver Hortis (1879, p. 678-695).

a do livro VII da *Eneida* (1546) e a de outros Boccaccios, como o *De casibus virorum illustrium* (1545) e o *Genealogia deorum gentilium* (1547).

Segundo o levantamento feito por Hortis (1879, p. 804-809), o DMC de Betussi, intitulado *Delle donne illustri* (BOCCACCIO, 1545), foi reeditado em Veneza em 1547 por Pietro de' Nicolini da Sabbio e em 1558 por Francesco degli Imperatori; em 1595-1596 aparece a edição florentina de Filippo Giunti, na qual a tradução já ampliada de Betussi recebe um outro acréscimo do gramático florentino Francesco Serdonati (1540-1602?). Outros bibliógrafos citam uma edição veneziana de 1545 por Nicolini da Sabbio<sup>26</sup> e mais duas florentinas de Giunti, de 1566 e de 1594 (HORTIS, 1879, p. 895-896). Bacchi della Lega (1875, p. 23) refere uma edição de Giunti de 1588, que não aparece nos elencos de Hortis. O *Delle donne illustri* apresenta todo o conteúdo do DMC – dedicatória a Andrea, próêmio, conclusão e os 104 capítulos de biografias – e mais 50 biografias de mulheres anteriores e posteriores a Boccaccio. A obra é duplamente dedicada: a Camilla Pallavicina, marquesa de Cortemaggiore, “donna tanto illustre quanto infelice” (HORTIS, 1879, p. 682), e, no fim, ao protetor Collatino di Collalto. O volume contém ainda um aviso aos leitores, no qual Betussi corrige ou complementa informações do texto de Boccaccio, e uma biografia do Certaldês<sup>27</sup>. Na dedicatória a Camilla, Betussi (1545) expõe a necessidade de recuperar a obra de Boccaccio dos maus-tratos que estaria sofrendo naquele período e declara ter preferido escrever em italiano do que em latim para que o DMC pudesse ser lido por mais pessoas. As numerosas reedições dessa tradução no decorrer do século XVI sugerem que Betussi acertou em sua decisão. Por essa e por outras traduções, atribui-se-lhe a recuperação do Boccaccio latino no Renascimento (MUTINI, 1967).

A lista de vulgarizamentos quinhentistas do DMC se completa com a versão realizada em 1543 por um *gentiluomo* florentino radicado em Lyon, Luc' Antonio Ridolfi (ou Lucantonio Ridolfi, 1510-1570), por encomenda da nobre Maria Albizzi. Essa versão foi traduzida ao francês e impressa em 1551 por Guillaume Rouille, e jamais publicada em italiano (HORTIS, 1879, p. 695; p. 800).

#### 4.1 O vulgarizamento de Albanzani

Donato di Lorenzo degli Albanzani, Donato degli Albanzani, Donato da Pratovecchio, Donato del Casentino, Donato, l'Apenninigena, são formas pelas quais se pode encontrar grafado seu nome. Os apelativos se referem à sua cidade de origem, Pratovecchio, comuna na província de

---

26 Seria a edição de Comin da Trino, atribuída erroneamente a Nicolini da Sabbio (HORTIS, 1879, p. 805).

27 Betussi corrige e amplia a biografia no vulgarizamento da *Genealogia deorum gentilium*, de 1547. Esse relato de vida servirá de fonte para biógrafos ao menos até o século XVIII (HORTIS, 1879, p. 688).

Arezzo, no vale do Casentino, na Toscana; nasceu antes de 1328 e ainda vivia em 1411. Conheceu Boccaccio em Ravena no início dos anos 1350 e Petrarca em Veneza, mais para o fim dessa década. Cuidou da biblioteca de Petrarca, que lhe dedicou o *De sui ipsius et multorum aliorum ignorantia* (1371), e recebeu encargos de Boccaccio, que lhe ofereceu o *Buccolicum carmen* (c. 1368). Deles vulgarizou, respectivamente, o *De viris illustribus* e o *De mulieribus claris*, ambos dedicados a um dos Niccolò d'Este de Ferrara — a qual deles é justamente a informação que tem a ver com a datação da obra. A tradição informa que Albanzani se estabeleceu em Ferrara por volta de 1380, primeiro como preceptor do jovem marquês Niccolò III e depois como seu *cancelliere* (TOSTI, 1841, p. 25; HORTIS, 1879, p. 602, n. 4; MARTELOTI, 1960). Niccolò III, porém, nascera em 1383 (m. 1441) e seria alçado a príncipe de Ferrara em 1397. Se Albanzani fora chamado à corte em 1380 ou 1381 (ou até antes), não poderia ser como preceptor do ainda não nascido Niccolò III (NOVATI, 1890, p. 369). Tais informes biográficos farão muitos supor que o Niccolò a quem Albanzani dedica o vulgarizamento do DMC seja este terceiro; na rubrica inicial do seu vulgarizamento, ao menos pelo que se depreende da edição de Manzoni (a de Tosti não reproduz essa rubrica), aparece apenas o nome do dedicado, sem qualquer numeração geracional<sup>28</sup>.

Vimos que, nesse vulgarizamento, Albanzani fez uma continuação à biografia da rainha Joana na qual menciona a sua morte. Como Joana falece em 1382, esse é o *termine post quem* da composição. Quanto ao *termine ante quem*, a tradição seguiu a suposição de Tosti, que propôs como marco o ano do casamento de Niccolò III e de sua assunção ao marquesado, 1397. Tosti, porém, adverte sobre o caráter totalmente conjectural da sua hipótese (TOSTI, 1841, p. 26). Além da menção na rubrica inicial e no colofão de alguns códices, o nome de Niccolò d'Este aparece nessa continuação de Albanzani à biografia de Joana. Na edição de Tosti a continuação é publicada parcialmente, pois no códice de que se valera faltava uma página (BOCCACCIO, 1841, p. 449). Da comparação com a edição de Manzoni (BOCCACCI, 1882) vemos que em Tosti falta o trecho final da biografia de Joana, escrita por Boccaccio, e o trecho inicial da continuação de Albanzani. É justamente nesse trecho inicial, ao qual Tosti não teve acesso, que se lê a referida menção a Niccolò d'Este. Hortis relata o problema da edição de Tosti e publica a continuação completa de Albanzani que ele encontrara num códice (Harleiano 4923) do Museu Britânico de Londres (HORTIS, 1879, p. 114-116). Nele há uma menção a Niccolò d'Este, que é descrito como desejoso de livros e cúvido por histórias ilustres (HORTIS, 1879, p. 115). Assim como nos outros locais, porém, não há especificação sobre de qual Niccolò se trate.

---

28 “Incomincia il libro delle famose donne compilato per lo illustrissimo uomo M. Giovanni Boccaccio poeta fiorentino ad istanza della famosissima Giovanna di Puglia, traslatato di latino in volgare da maestro Donato da Casentino, al magnifico **marchese Nicolò da Este principe e signore di Ferrara**” (BOCCACCI, 1881, p. 1, grifos nossos).

Diferentemente do que acontece com o códice de Tosti, os consultados por Manzoni contêm a continuação completa de Albanzani em vulgar. O conde faz menção à versão latina da continuação publicada por Hortis e resgata a observação deste sobre o trecho faltante na edição de Tosti. Manzoni faz notar ao leitor que a sua edição é a primeira em que se publica integralmente, em italiano, a continuação de Albanzani para a biografia da rainha Joana. Essa publicação será fundamental para a datação do vulgarizamento: nos códices consultados pelo conde, o Niccolò cúbido por histórias ilustres, e que encarrega Albanzani de providenciá-las, é identificado pelo número. Trata-se do *segundo* marquês d'Este (1338-1388), e não do *terceiro*:

E questo [acrescentar o terrível fim de Joana] giudicai essere a me Donato del Casentino necessario per il comandamento dell'illustre principe **Nicolò secondo marchese da Este**, il quale ha tanto diletto de' libri, e tanto piacere delle famose storie, che Filadelfo non l'avanzò, essendo io domestico suo famiglia, e da quello essendomi imposto di trovar libri come ad un altro Demetrio. (BOCCACCI, 1882, p. 391, grifos nossos)

Com essa informação dada pela edição de Manzoni, o aparecimento da tradução de Albanzani passa a ser delimitado entre 1382, ano da morte de Joana, e 1388, ano da morte de Niccolò II.

Nessa sua continuação da biografia de Joana, Albanzani ressalta o fato de Boccaccio ter deixado de dizer coisas negativas a respeito da rainha, abordando somente as positivas, pois a biografada ainda vivia no momento da escrita e porque o autor desejava que o livro chegasse às suas mãos. E, como a biografada sobrevivera ao biógrafo, Albanzani tomara a iniciativa de dizer aquilo que acontecera depois da morte do autor, e falar do que Boccaccio havia calado, sendo encarregado desta tarefa pelo marquês (Niccolò II) a quem servia (BOCCACCI, 1882, p. 390-391).

Parece evidente que a publicação dessa continuação só poderia acontecer efetivamente quando Boccaccio já não mais estivesse vivo e não pudesse se opor a essa e a outras intervenções de Albanzani na estrutura original do DMC. No entanto, é possível que uma primeira versão, distinta desta, tenha sido elaborada anos antes, com conhecimento e aprovação do autor, e os indícios disso estariam no *Buccolicum carmen*, que Boccaccio dedicara a Albanzani. O *Buccolicum carmen* é composto por 16 écloas escritas em latim. A última écloa faz menção a um filho de Albanzani como estando vivo, filho esse que viria a falecer no verão de 1368. Portanto, a obra seria anterior a esse momento. Houvera um encontro entre Boccaccio e Albanzani em Veneza, na casa de Petrarca, na primavera de 1367. Nessa ocasião, Albanzani pode ter oferecido o vulgarizamento em troca da dedicatória do *Buccolicum* (RICCI, 1965, p. 694), e o trabalho teria sido entregue a Boccaccio em julho de 1368 (ZACCARIA, 1977-78, p. 289).

## 4.2 A obliteração da edição de Manzoni

Alessia Tommasi (2020, p. 136), que vem se dedicando ao vulgarizamento de Albanzani, observa que, até o momento da escrita do seu artigo, mesmo estudiosos como Zaccaria viam em Niccolò III o destinatário da obra, reiterando uma hipótese que, já em 1836, Tosti apresentara com ressalvas. A autora informa ainda que não houvera qualquer modificação na tradição manuscrita do vulgarizamento desde Hortis (1879) e de Manzoni (1882). A sua pesquisa aportaria então uma nova descoberta: a de que a continuação à biografia de Joana seria mesmo de autoria de Albanzani. E, sendo assim, a menção a Niccolò II em diversos códices consultados pela autora, incluindo aqueles que embasaram o trabalho de Manzoni, validaria a importante descoberta feita pelo conde ainda no século XIX (TOMMASI, 2020, p. 143). Apesar da inegável relevância das constatações de Tommasi, sua descoberta não modifica muito a tradição no que se refere à datação. A autora primeiro descreve os códices e depois menciona que as informações neles encontradas também estão em Manzoni. Na verdade, o percurso deveria ser o inverso: iniciar informando que a datação já fora proposta no final do século XIX e, depois, confirmar essa datação com os novos achados.

A consequência de se ignorar ou desprezar a edição de Manzoni é, conforme se adiantou no início deste artigo, o fato de que muitos estudiosos, ao tratar do vulgarizamento de Albanzani, têm perpetuado um erro evidente de datação. Como exemplo, podemos citar Chiara Guerzi (2015, p. 160), que ao consultar apenas a edição de Tosti, indica Niccolò III como dedicatário, inclusive no título de seu trabalho; outros, como Filosa (2012, p. 173) e Margaret Franklin (2017, p. 11, n. 31; p. 131), reproduzem o erro mesmo referenciando a edição de Manzoni como obra consultada. Por fim, há quem tenha reiterado o erro mesmo citando diretamente a passagem de Manzoni que identifica o dedicatário, como é o caso de Stephen Kolsky (2003, p. 222, n. 2 e 3).

Se concordarmos que essas situações expressam um apagamento do testemunho de Manzoni, o panorama que expusemos neste artigo, somado à pesquisa mais ampla que estamos desenvolvendo sobre o trabalho do editor, pode vir a contribuir para o devido reconhecimento de sua edição do vulgarizamento albanzaniano, refinando também, com isso, a própria fortuna crítica da obra de Boccaccio.

## Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar três faces da transmissão e da fortuna do *De mulieribus claris* de Boccaccio no contexto itálico: a recepção da obra a partir do tema das fases redacionais; a modulação diacrônica da sua tradição; e o panorama das traduções italianas e as marcas da obliteração de um dos seus testemunhos, que é a edição de Giacomo Manzoni para o vulgarizamento de Donato Albanzani. Vimos que, de certa forma, a descoberta e publicação do manuscrito autógrafa do DMC acabou por diluir a importância de outras manifestações,

relegando-as à função de meros apoios para determinação do texto “original”. Essa pode ter sido uma das causas da desvalorização da edição manzoniana e, como consequência, da reprodução, mesmo em estudos muito recentes, de erros de datação do vulgarizamento que poderiam ter sido corrigidos com a atenção a esse testemunho.

Para Vittore Branca (1958), é limitante considerar a tradição de uma obra apenas como a transmissão mecânica de cópia em cópia, concepção essa responsável por se desvalorizar testemunhos “derivados” quando se encontra um “original”. A transmissão de cópia em cópia é apenas um dos vários e complexos componentes da grande tradição textual e paratextual de uma obra, acredita o filólogo. Nesse sentido, para descobrir e reviver a tradição não basta conhecer apenas os testemunhos que chegam até nós de forma fixa e cristalizada. A história desse tipo de transmissão, chamada por Branca de passiva e determinada, deve ser complementada pela transmissão ativa e caracterizante, que busca identificar como e por que se determinou a realidade imutável que se identificou ou se atribuiu a um texto. Desse ponto de vista, as fases redacionais de uma mesma obra são ricas de serem estudadas porque desmantelam a concepção rígida e quase monolítica do texto como algo fixo, definitivo e imobilizado.

Além disso, o estudo das “derivadas” pode contribuir inclusive para o estabelecimento mais preciso da “original”. O próprio Zaccaria, uma década depois da publicação de sua edição do manuscrito autógrafa, dedicou-se ao estudo de outros estágios da tradição, como as traduções de Betussi impressas em Veneza (Zaccaria, 1977-1978). Passados mais dois decênios, o filólogo chegou mesmo a indicar correções necessárias ao seu texto do *De mulieribus claris* a partir de lições de testemunhos do estágio redacional VI, anterior ao estágio do manuscrito autógrafa (Zaccaria, 2001, p. 20). Interessante notar que é justamente do estágio VI o testemunho a partir do qual Albanzani verteu seu vulgarizamento, depois editado por Tosti e Manzoni. E mais interessante ainda é a hipótese, proposta recentemente por Alessia Tommasi (2022), de que fosse esse estágio VI a representar, na verdade, a última vontade de Boccaccio.

## Agradecimento

A autora gostaria de agradecer o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para a realização da pesquisa relatada neste artigo (Chamada CNPq 25/2021, pós-doutorado sênior).

## Referências

ARGURIO, S.; ROVERE, V. Boccaccio alla corte di Napoli: le redazioni del *De mulieribus claris*. In: AGHELU, Marialaura et al. (a cura di). *Studi (e testi) italiani*, n. 40, p. 13-25, 2017.

BACCHI DELLA LEGA, A. *Serie delle edizioni delle opere di Giovanni Boccacci latine, volgari, tradotte e trasformate*. Bologna: Gaetano Romagnoli, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/seriedelleedizi00zamboog/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BAGGIO, A. T. Italian reception, tradition and translation of Giovanni Boccaccio's *De mulieribus claris*. *Heliotropia*, v. 18-19, p. 223-246, 2021-2022. Disponível em: [https://www.brown.edu/Departments/Italian\\_Studies/heliotropia/18-19/baggio.pdf](https://www.brown.edu/Departments/Italian_Studies/heliotropia/18-19/baggio.pdf). Acesso em: 4 maio 2023.

BAGGIO, A. T. A cultura corteja o poder: manobras discursivas de Giovanni Boccaccio na proposição da inocência de Joana d'Anjou. In: POHLMANN, Janira Feliciano; MOCELIM, Adriana; BAGGIO, Adriana Tulio. (Org.). *Diálogos entre Cultura e Poder*. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 213-228.

BETUSSI, G. All'Illustriss. S. Camilla Pallavicina Marchesa di Corte Maggiore. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Delle donne illustri*. Con una additione fatta dal medesimo [...] Tradução e acréscimos Giuseppe Betussi. Vinegia: 1545. p. ii a.-v b. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=GGosdaKQnFEC&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BOCCACCI, G. *Delle donne famose* – volume 1. 3. ed. Tradução Donato degli Albanzani di Casentino. Edição, proêmio e notas de Giacomo Manzoni. Bologna: Gaetano Romagnoli, 1881. Disponível em: <https://archive.org/details/delledonnefamose01boccuoft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BOCCACCI, G. *Delle donne famose* – volume 2. 3. ed. Tradução Donato degli Albanzani di Casentino. Edição, proêmio e notas de Giacomo Manzoni. Bologna: Gaetano Romagnoli, 1882. Disponível em: <https://archive.org/details/delledonnefamose02boccuoft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BOCCACCIO, G. *Delle donne illustri*. Con una additione fatta dal medesimo [...] Tradução e acréscimos Giuseppe Betussi. Vinegia: 1545. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=GGosdaKQnFEC&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BOCCACCIO, G. *De claris mulieribus*. Volgarizzamento di Maestro Donato da Casentino. Cura e studio di D. Luigi Tosti. Napoli: Tipografia dell'Ateneo, 1836. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3DWqbxDnagC&hl=pt-BR&pg=PR>. Acesso em: 19 ago. 2021.

BOCCACCIO, G. *De claris mulieribus*. Volgarizzamento di Maestro Donato da Casentino. Cura e studio di D. Luigi Tosti. 2. ed. Milano: Giovanni Silvestri, 1841. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=07asrSMY6hIC&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 jan. 2019.

BOCCACCIO, G. *De mulieribus claris*. Traduzione, introduzione e noti di Vittorio Zaccaria. 2. ed. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, 1970. Collezione Tutte le opere de Giovanni Boccaccio, a cura di Vittore Branca, v. X. Disponível em: <http://www.enteboccaccio.it/s/ente-boccaccio/item/10279>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BOCCACCIO, G. *Famous women*. Edited and translated by Virginia Brown. Cambridge, London: Harvard University Press, 2001.

BOCCACCIO, G. *De mulieribus claris*. Edição latina de Vittorio Zaccaria. Roma: Biblioteca Italiana, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecaitaliana.it/scheda/bibit000947>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRANCA, V. *Tradizione delle opere di Giovanni Boccaccio*. Um primo elenco dei codici e tre studi. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1958.

BROWN, V. Introduction. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Famous women*. Edited and translated by Virginia Brown. Cambridge, London: Harvard University Press, 2001. p. xi-xxv.

BRUSCOLI, F. G. Francesco Sasseti. *Dizionario Biografico degli Italiani – Volume 90*, 2017. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-sasseti\\_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-sasseti_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 19 ago. 2021.

CERENTINI, V. S. *A Cronaca di Partenope como instrumento de formação identitária do reino de Nápoles (1347-135)*. 132 f. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DE ROBERTIS, T.; MONTI, C. M.; PETOLETTI, M.; TANTURLI, G.; ZAMPONI, S. (a cura di). *Boccaccio autore e copista*. Catalogo della mostra (Firenze 2013-2014). Firenze: Mandragora, 2013.

DUSIO, C. Il De mulieribus claris del volgarizzamento di Antonio di san Lupidio. Un quadro d'insieme. In: AGHELU, Marialaura et al. (a cura di). *Studi (e testi) italiani*, n. 40, p. 27-41, 2017.

FILOSA, E. *Tre studi sul De mulieribus claris*. Milano: Led, 2012.

FRANKLIN, M. A. *Boccaccio's Heroines: Power and Virtue in Renaissance*. Ashgate Publishing, 2006.

GIACOMINI, A. M. Antonio da Sant'Elpidio. *Dizionario Biografico degli Italiani – Volume 3*, 1961. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-da-sant-elpidio\\_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/antonio-da-sant-elpidio_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 19 ago. 2021.

GUERZI, C. Un manoscritto ferrarese del tempo di Niccolò III d'Este: il De mulieribus claris della Bodleian Library di Oxford (Canon. It. 86) e il suo miniatore. In: *Intorno a Boccaccio / Boccaccio e dintorni*, 2015, Certaldo. ZAMPONI, Stefano (org.). *Atti del Seminario internazionale di studi*. Firenze: Firenze University Press, 2016. p. 157-177. Disponível em: <https://doi.org/10.36253/978-88-6453-338-4>. Acesso em: 19 ago. 2021.

HORTIS, A. *Le donne famose descritte da Giovanni Boccaccio*. Trieste: G. Caprin, 1877. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UWaa7AapkDMC&pg=PP5&hl=pt-BR>. Acesso em: 19 ago. 2021.

HORTIS, A. *Studj sulle opere latine del Boccaccio*. Trieste: Libreria Julius Dase Editrice, 1879. Disponível em: <https://archive.org/details/studjsicsulleope00hortuoft>. Acesso em: 4 ago. 2020.

JULIANI, T. J. *Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio – tradução parcial, estudo introdutório e notas*. 2011. 286 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011 Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270798>. Acesso em: 17 jan. 2020.

JULIANI, T. J. *Vestígios de Ovídio em Sobre as mulheres famosas (De mulieribus claris, 1361-1362) de Giovanni Boccaccio*. 2016. 220 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos

da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305690>. Acesso em: 17 jan. 2020.

KIESEWETTER, A. Giovanna I d'Angiò, regina di Sicilia. *Dizionario Biografico degli Italiani* – Volume 55, 2001. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanna-ii-d-angio-regina-di-sicilia\\_\(Dizionario-Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanna-ii-d-angio-regina-di-sicilia_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 13 ago. 2020.

KOLSY, S. D. *The Genealogy of Women: Studies in Boccaccio's De mulieribus claris*. New York: Peter Lang, 2003.

MALTA, C. De mulieribus claris. In: DE ROBERTIS, T.; MONTI, C. M.; PETOLETTI, M.; TANTURLI, G.; ZAMPONI, S. (a cura di). *Boccaccio autore e copista*. Catalogo della mostra (Firenze 2013-2014). Firenze: Mandragora, 2013. p. 197-200.

MANZONI, G. Proemio. In: BOCCACCI, Giovanni. *Delle donne famose*. Volume 2. Traduzione M. Donato degli Albanzani di Casentino. Bologna: Gaetano Romagnoli, 1882. p. III-XXVI. Disponível em: <https://archive.org/details/delledonnefamose02boccuoft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MARTELOTTI, G. Donato Albanzani. *Dizionario Biografico degli Italiani* – Volume 1, 1960. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/donato-albanzani\\_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/donato-albanzani_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 19 ago. 2021.

MICHELAN, K. B. *Um patrimônio de origem medieval no Brasil: guia classificatório dos incunábulo da Fundação Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2022. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/um-patrimonio-origem-medieval-brasil-guia-classificatorio>. Acesso em: 5 fev. 2022.

MUTINI, C. Giuseppe Betussi. *Dizionario Biografico degli Italiani* – volume 9, 1967. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-betussi\\_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-betussi_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 16 out. 2020.

NOVATI, F. Donato degli Albanzani alla corte estense: Nuove Ricerche. *Archivio Storico Italiano*, v. 6, n. 180, p. 365–385, 1890. Disponível em: [www.jstor.org/stable/44454954](http://www.jstor.org/stable/44454954). Acesso em: 6 ago. 2020.

RICCI, P. G. Nota critica. In: RICCI, Pier Giorgio (a cura di). *Giovanni Boccaccio*. Opere in versi. Corbaccio. Trattatello in laude di Dante. Prose latine. Epistole. Note di Pier Giorgio Ricci. Milano; Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1965. p. 1259-1290. v. 9. (Coleção La letteratura italiana: storia e testi. Direttori: Raffaele Mattioli, Pietro Pancrazi, Alfredo Schiaffini).

TANTURLI, Giuliano; ZAMPONI, Stefano. Biografia e cronologia delle opere. In: DE ROBERTIS, T.; MONTI, C. M.; PETOLETTI, M.; TANTURLI, G.; ZAMPONI, S. (a cura di). *Boccaccio autore e copista*. Catalogo della mostra (Firenze 2013-2014). Firenze: Mandragora, 2013. p. 61-64.

TOMMASI, A. Il volgarizzamento del “De mulieribus claris” di Donato Albanzani. Censimento dei manoscritti e proposta per una nuova datazione dell’opera. In: *Intorno a Boccaccio / Boccaccio e dintorni*, 2018, Certaldo. ZAMPONI, Stefano (org.). *Atti del Seminario internazionale di studi*. Firenze: Firenze

University Press, 2020. p. 129-168. Disponível em: <https://doi.org/10.36253/978-88-6453-997-3>. Acesso em: 6 ago. 2020.

TOMMASI, A. Errori e varianti d'autore nel *De mulieribus claris* del Boccaccio. In: CARRAI, Stefano (dir.). *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa: Classe di Lettere e Filosofia*, Pisa, Edizione della Normale, v. 14, n. 1, s. 5, p. 258-284, 2022.

TORRETTA, Laura. Il “Liber De Claris Mulieribus” di Giovanni Boccaccio – parti I e II. *Giornale storico della letteratura italiana*, Torino, v. XXXIX, p. 252-292, 1° semestre 1902a. Disponível em: <https://archive.org/details/giornalestorico39toriuoft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TORRETTA, L. Il “Liber De Claris Mulieribus” di Giovanni Boccaccio – parti III e IV. *Giornale storico della letteratura italiana*, Torino, v. XL, p. 35-65, 2° semestre 1902b. Disponível em: <https://archive.org/details/giornalestorico40toriuoft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TOSTI, L. Avviso ai lettori; Memorie storiche su la vita di M. Donato da Casentino; Note dell'editore. In: BOCCACCIO, Giovanni. *De claris mulieribus*. Volgarizzamento di Maestro Donato da Cassentino. Cura e studio di Luigi Tosti. 2. ed. Milano: Giovanni Silvestri, 1841. p. 7-14; 15-27; p. 478-495. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=07asrSMY6hIC&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 jan. 2019.

TRAVERSARI, G. Appunti sulle redazioni del “De claris mulieribus” di Giovanni Boccaccio. In: TORRE, Arnaldo della; RAMBALDI, Pier Liberale. (per cura di). *Miscellanea di studi critici pubblicati in onore di Guido Mazzoni dai suoi discepoli*. Tomo Primo. Firenze: Tipografia Galileiana, 1907a. p. 225-251.

TRAVERSARI, G. *Bibliografia Boccacesca*. Scritti intorno al Boccaccio e alla fortuna della sue opere. Città di Castello: Casa Tipografico-Editrice S. Lapi, 1907b. Disponível em: <https://archive.org/details/bibliografiabocc00travuoft>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ZACCARIA, V. Le fasi redazionali del “De mulieribus claris”. *Studi sul Boccaccio*, n. 1, p. 253-332, 1963.

ZACCARIA, V. I volgarizzamenti del Boccaccio latino a Venezia. *Studi sul Boccaccio*, n. 10, p. 285-306, 1977-78.

ZACCARIA, V. *Boccaccio narratore, storico, moralista e mitografo*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2001.

ZAMBRINI, F. *Catalogo di opere volgari a stampa dei secoli XIII e XIV*. Bologna: Carlo Ramazzotti Libraio, 1857. Disponível em: <https://archive.org/details/catalogodiopere00zambgoog/mode/2up>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ZAMBRINI, F. *Catalogo di opere volgari a stampa dei secoli XIII e XIV*. Quarta edizione con appendice. Bologna: Nicola Zanichelli, 1884. Disponível em: <https://archive.org/details/leoperevolgaria00zambgoog>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ZAVALLONI, F. Giacomo Manzoni. *Dizionario Biografico degli Italiani* – volume 69, 2007. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giacomo-manzoni\\_res-c47aa0ff-395f-11dd-904a-0016357eee51\\_\(Dizionario-Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/giacomo-manzoni_res-c47aa0ff-395f-11dd-904a-0016357eee51_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 15 jan. 2020.

Recebido em: 08/04/2022 (versão atualizada: 29/09/2023)

Aprovado em: 30/09/2023